

A propaganda do *ticket conservador-liberal* – uma análise do potencial ideológico do discurso do ativismo de direita

The conservative-liberal ticket's propaganda – an analysis of the ideological potential of the discourse of right-wing activism

Roldão Pires Carvalho

roldao_pires@hotmail.com

Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba, professor de História e publicitário. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7067-3700>.

Mara Rovida

mara.rovida@prof.uniso.br

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba e jornalista. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6540-6720>.

Resumo

Este artigo é resultado da pesquisa de mestrado intitulada “História, comunicação e ideologia – a propaganda do ticket conservador-liberal”. O objeto de estudo é a série “Brasil – A Última Cruzada”, produzida pela empresa Brasil Paralelo. O objetivo deste artigo é apresentar parte do resultado obtido na investigação que expõe o conteúdo ideológico e propagandístico do material analisado. O conceito de ticket presente na reflexão é tomado de Adorno e Horkheimer e o de ideologia é organizado a partir de John B. Thompson; para analisar o discurso utilizamos o conceito de modo de organização do discurso de Patrick Charaudeau. Concluímos que a pretensa série pode ser considerada propaganda com potencial ideológico, cuja mensagem está sendo consumida e aceita por boa parcela da população brasileira.

Palavras-chave: ticket conservador-liberal, ideologia, relações de dominação.

Abstract

This article is the result of a master thesis titled “History, Communication and Ideology – The Propaganda of the Conservative-liberal Ticket”, written to obtain a Graduate Degree in Communication and Culture from Sorocaba University. The object of study is the series “Brasil – A Última Cruzada”, produced by Brasil Paralelo. The objective of this article is to present a partial result, showing the ideological and propagandist content of the material. The concept of ticket was taken from Adorno and Horkheimer, and the notion of ideology from John B. Thompson; to analyze the discourse we used the concept of mode of organization of the discourse of Patrick Charaudeau. We conclude that the alleged series can be considered propaganda with ideological potential, whose message is being consumed by a considerable portion of the Brazilian population.

Keywords: conservative-liberal ticket, ideology, relations of domination.

1. Introdução

Este artigo é fruto da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado intitulada “História, comunicação e ideologia – a propaganda do ticket conservador-liberal”.

O objeto de estudo é a série “Brasil – A Última Cruzada”, produzida e veiculada pela empresa Brasil Paralelo. O principal objetivo da pesquisa gira em torno da possibilidade de contribuir para o entendimento do *ticket conservador-liberal* propagado pelo grupo produtor

da série. Como objetivo secundário, buscamos identificar se as formas simbólicas do passado, utilizadas na série, possuem potencial ideológico. O problema de pesquisa se consolidou na pergunta: “Como as representações do passado são utilizadas e redefinidas para se propagar o *ticket conservador-liberal* na série *Brasil – A Última Cruzada*?”. Para responder esta questão utilizamos como estratégia metodológica a análise do discurso (Charaudeau, 2016) em uma adaptação da proposta de Thompson (2011).

Não pretendemos dar conta, neste artigo, de todos os aspectos abordados na dissertação ou transformá-lo em um resumo do trabalho; o nosso objetivo é apresentar alguns pontos relevantes do resultado da pesquisa. Para tanto, torna-se necessário explicar os referenciais teóricos e metodológicos utilizados, até mesmo para que as terminologias acionadas não suscitem dúvidas no leitor.

2. Os conservadores-liberais, ideologia e o pensamento ticket

Nos últimos anos, principalmente após as Jornadas de Junho de 2013, puderam-se notar o crescimento e a proliferação de ideais associados aos espectros da direita, muitas vezes de extrema-direita, no Brasil. A guinada para a direita não é uma exclusividade brasileira. Observam-se em vários lugares do mundo movimentos conservadores ganhando força e adeptos, muitos dos quais impulsionados principalmente pelos contextos sócio-históricos peculiares de seus países, mas também por razões notadamente semelhantes entre esses variados contextos contemporâneos.

No Brasil pode-se atribuir essa guinada, parcialmente, às crises econômica, política e de representatividade, aos escândalos de corrupção envolvendo espectros da esquerda, ao conservadorismo histórico das classes média e à mídia tradicional. Porém, a particularidade que aqui destacamos é o papel de um espectro da direita que se autodenomina *conservadora-liberal*.

Este espectro da direita se diz conservador nos costumes e liberal na economia. Para alguns, pode parecer contraditória a junção do liberalismo e do conservadorismo, porém historicamente, no Brasil, mesmo havendo distintos partidos políticos conservadores e liberais e até mesmo embates entre esses atores, muitas vezes a união dos dois se fez em momentos convenientes. O liberalismo, por exemplo, no contexto político brasileiro, apresenta variações e gradações de posturas conservadoras ao longo do tempo. O historiador José Murilo de Carvalho (2012) denomina os liberais que governam no Período Regencial como “liberais moderados”. Essa classificação é formada, dentre outros motivos, pelo fato de que esse grupo não pleiteava a abolição da escravidão, demonstrando um certo conservadorismo neste aspecto.

Retornando ao século XXI, o movimento *conservador-liberal* ganha maior destaque após as Jornadas de Junho de 2013. Este foi o grupo político que melhor soube aproveitar e canalizar a onda de insatisfação demonstrada nas ruas. Por meio da Internet e principalmente das mídias sociais, iniciaram uma forte campanha de desgaste dos espectros da esquerda ao mesmo tempo que passaram a vender seu ideário como a solução para os problemas do país. Um dos grupos que atuam produzindo e divulgando

conteúdos audiovisuais com esta “propaganda” é a empresa Brasil Paralelo¹. A escolha da empresa, do grupo ou do canal se fez não pela sua relevância ou por ser o de maior destaque, mas por conseguir concentrar a participação de vários agentes, até mesmo de outros canais, em uma mesma produção. Outro fator usado como recorte para esta escolha se deve à utilização da “História” como elemento relevante na divulgação de seus ideários. A série *Brasil – A Última Cruzada*, segundo o grupo, é a maior série sobre a História do Brasil já produzida. São seis capítulos que abordam desde o período da dominação da Península Ibérica pelos muçulmanos até o fim do período Vargas, somando mais de sete horas de conteúdo. Entretanto, a série não possui especialistas relevantes em História, não apresenta fontes, está repleta de abstrações e distorções para que a realidade histórica se enquadre em seus anseios e visão de mundo. De antemão adiantamos uma das conclusões: não é uma série sobre a História do Brasil, é propaganda² para se vender um bloco de ideias prontas.

Segundo os próprios fundadores, a Brasil Paralelo é uma empresa privada que visa lucros por meio de associados que pagam uma mensalidade em troca de conteúdos audiovisuais exclusivos e aulas com especialistas. O financiamento das produções viria destes associados. O primeiro vídeo publicado pelo grupo no YouTube data de dezembro de 2016. Segundo um dos fundadores³, o projeto teve início após a eleição de Dilma Rousseff para seu segundo mandato presidencial em 2014, por entenderem que havia um “despertar de consciência dos brasileiros”. Desde então, várias séries e vídeos com conteúdo para Internet foram produzidos, todos com enfoque político e alguns abordando temas históricos, como é o caso da série *Brasil – A Última Cruzada*. As séries produzidas são em formato de documentário, no qual “especialistas” aparecem dando depoimentos sobre os assuntos abordados. É destacável o capital social e político do grupo, pois observa-se a presença, desde o início das produções, de figuras renomadas entre os entrevistados, como senadores, deputados, artistas e até um ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ).

1 Reforçamos que o objeto de estudo do presente artigo é a série *Brasil – A Última Cruzada*, porém entender o papel da Brasil Paralelo se torna importante por se tratar do local de fala, que incide diretamente nos sentidos possíveis das mensagens.

2 A terminologia “propaganda” utilizada neste trabalho se refere à produção e à propagação de formas simbólicas de maneira intencional, sistemática e organizada. Assim, nessa perspectiva, a busca pela persuasão, pela mudança de valores, da maneira de pensar e de visão de mundo do público receptor das mensagens faz parte da noção de propaganda. O engodo, a dissimulação, a desinformação e a omissão de fatos podem ou não fazer parte da estratégia comunicacional.

3 Informações retiradas da entrevista de Felipe Valerim para o jornal *Boletim da Liberdade*.

Este conjunto de ideias e propostas prontas é o que chamamos de *ticket conservador-liberal*. O conceito de *ticket think* é apresentado no livro *Dialética do Esclarecimento* por Adorno e Horkheimer (1985). Para os autores, esse conceito consiste em um bloco de ideias previamente elaboradas, oferecido para um público que o consome sem uma reflexão crítica. Adorno e Horkheimer (1985) abordam como base real e prática, para desenvolver essa noção conceitual, o antissemitismo como parte do ticket nazista. Eles explicam de forma detalhada, em um dos capítulos da mencionada obra, como o processo de relação entre o indivíduo e o objeto – no caso por eles analisado, trata-se dos nazistas (indivíduos) e do povo judeu (objeto) – se desenvolve, por meio da razão esclarecida e da razão obscurecida, e avaliam suas implicações. Porém, não adotamos de forma integral a perspectiva dos autores, mas somente a noção de bloco de ideias prontas usado para explorar estrategicamente a falta de conhecimento dos indivíduos sobre determinados temas.

O conceito de ideologia utilizado na pesquisa e neste artigo é o de John B. Thompson (2011, p. 76; grifos no original):

[...] estudar ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos desde que eles sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação.

No caso desta pesquisa, estudamos como as formas simbólicas do passado têm seus sentidos alterados para que atendam aos interesses e à visão de mundo dos *conservadores-liberais*. As representações do passado são reformuladas para se vender o *ticket conservador-liberal*, como será demonstrado no transcorrer deste artigo. Relações de dominação são caracterizadas pela assimetria de poder entre os partícipes e se dão de forma sistemática, segundo Thompson (2011). A dominação pode ser de origem étnica, religiosa, de gênero, de classe, econômica, entre outras.

Utilizamos na pesquisa a hermenêutica de profundidade tradicional, com a análise sócio-histórica e análise do discurso. Em relação à interpretação, realizamos inferências sobre os possíveis impactos sociais do *ticket conservador-liberal* e o que aparentemente já é reflexo do consumo deste bloco de ideias. Em outros termos, realizamos apenas parcialmente a metodologia proposta por John B. Thompson (2011) por não ser possível, no prazo da pesquisa, desenvolver o enfoque tríplice de estudo de comunicação de massa, como pensado pelo autor, que consistiria em: produção e transmissão das formas simbólicas; construção das mensagens nos meios

de comunicação; recepção e apropriação das mensagens dos meios.

Na análise sócio-histórica abordamos o que seria esse movimento *conservador-liberal*, a relação dos ideários da esquerda e da direita, o papel da mídia tradicional e da Internet, a apropriação das Jornadas de Junho de 2013, o papel dos *think tanks ativistas* de direita e o Brasil Paralelo com sua visão de mundo e da História.

Os *think tanks ativistas* merecem um destaque neste artigo por entendermos que o Brasil Paralelo é apenas um dos vários canais de comunicação que propagam os ideários destas instituições.

Segundo a cientista política Camila Rocha (2015, p. 262),

Os think tanks podem ser definidos de modo mais genérico como instituições permanentes de pesquisa e análise de políticas públicas que atuam a partir da sociedade civil, procurando informar e influenciar tanto instâncias governamentais como a opinião pública no que tange à adoção de determinadas políticas públicas.

Segundo a autora, existe uma variação dos *think tanks*, que iriam de instituições com um “profissionalismo politicamente desinteressado” ao “ativismo político orientado ideologicamente” (Rocha, 2015, p. 262). Este segundo grupo seria formado por aqueles que Rocha (2015) denomina como *think tanks ativistas*. No caso deste trabalho, nos referimos aos institutos alinhados ao pensamento neoliberal.

Para o professor e pesquisador Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes (2015, p. 232) os *think tanks*, neste caso os ativistas, “[...] existem para modelar as condições de possibilidade e de visibilidade das políticas. Para construir, nas mentes e nos corações dos indivíduos, aquilo que devem considerar crível e factível”.

O autor continua:

Em suma, think tanks não se limitam a modular as políticas. Tentam é modelar o ambiente geral da política, a agenda. O que pretendem, podemos dizer, é definir o quadro em que se formam as percepções da realidade, de modo a induzir as “escolhas” e “preferências” (Moraes, 2015, p. 232; grifos no original).

Devemos salientar que estas instituições não trabalham isoladamente, mas em rede. Existem no diretório global da Atlas Network 14 *think tanks* brasileiros.

O entendimento de que o Brasil Paralelo é um canal de veiculação da propaganda destes institutos se faz não somente pelo alinhamento de pensamento, mas também pela participação de integrantes destas instituições no material audiovisual.

No que se refere à análise do discurso, nos baseamos nos conceitos de Patrick Charaudeau (2016) a respeito dos modos de organização do discurso e suas respectivas funções-base. O modo enunciativo tem como função-base estabelecer a relação de influência entre o locutor e o receptor, expressa o ponto de vista do sujeito comunicante e serve para a retomada do que já foi dito. O modo descritivo possui por função-base identificar e qualificar seres de maneira objetiva e subjetiva. O modo narrativo tem como função-base construir sucessões de ações de uma história no tempo, proporcionando um relato. O modo argumentativo tem como função-base expor e provar causalidade de maneira racionalizada, lógica, na tentativa de influenciar o receptor. Identificando os modos de organização preponderantes nos excertos analisados, utilizamos um questionário que possibilita identificar se o agente está realizando uma ação em benefício próprio ou do outro, se as qualificações são positivas ou negativas, se o locutor se posiciona em relação de superioridade ou não com o receptor, entre outros aspectos que podem nos ajudar em relação aos sentidos possíveis que a narrativa engendra.

Por meio dos sentidos observados na análise do discurso, identificamos se existe enquadramento pelos modos de operação da ideologia, conforme a definição de Thompson (2011), e quais estratégias de construção simbólica são acionadas. No total são cinco modos de operação da ideologia, cada qual com diferentes estratégias de construção simbólica; no entanto, Thompson (2011) enfatiza que podem existir outros modos de operação não apresentados em sua obra. Os modos de operação da ideologia apresentados pelo autor são: *legitimação*, que pode estar relacionada com as estratégias de construção simbólica da *universalização*, *racionalização* e *narrativização*; modo de operação por meio da *dissimulação* com as estratégias da *eufemização*, *deslocamento* e *tropo*; modo de operação por meio da *unificação* com as estratégias da *standardização* e *simbolização da unidade*; o modo de *fragmentação* com as estratégias de *diferenciação* e *expurgo do outro*; modo de operação da ideologia por meio da *reificação* na qual as estratégias de construção simbólica são *naturalização*, *eternalização* e *nominalização* ou *passivização*. Não iremos nos estender nas explicações de todos os modos de operação da ideologia e nas respectivas estratégias de construção simbólica, pois optamos por somente aprofundá-las quando surgirem nos exemplos das análises apresentadas neste artigo.

Como seria inviável realizar análise de discurso em toda a série *Brasil – A Última Cruzada* para nossa pesquisa original, escolhemos alguns temas que são recorrentes no *ticket conservador-liberal* presentes em um ou mais episódios. Os temas são: criação de um inimigo a ser combatido; necessidade de um projeto como o “escola sem partido”; flexibilização da posse e porte de armas de fogo;

flexibilização ou extinção das leis trabalhistas; fim do sistema de cotas; fascismo de esquerda.

Na sequência deste artigo estão alguns dos principais resultados apontados na pesquisa.

3. Alguns pontos relevantes na pesquisa

Durante toda a série é uma constante a tentativa de qualificar a esquerda, de forma genérica, como perigosa e causadora de tudo que é mau na sociedade. Neste caso, existe o maniqueísmo direita/esquerda e bom/mau, respectivamente, de forma bastante simplista. Não existe distinção dos diferentes espectros do que se pode chamar de esquerda ou direita. Não há também qualquer tentativa de explicar que o posicionamento esquerda e direita é relacional, que determinado pensamento ou postura está à direita ou à esquerda em relação a um referencial (Cruz, 2015). Identificamos esta postura como uma estratégia para deslegitimar qualquer pessoa ou pensamento crítico aos grupos *conservadores-liberais*. Se um indivíduo não segue o pensamento e a visão de mundo propostos por este espectro da direita, é tachado de esquerdista e, conseqüentemente, não se torna digno de confiança, de credibilidade e, se possível, deve ser odiado pela sociedade.

Utilizaremos dois pequenos excertos para demonstrar esta postura. O primeiro está no enunciado do segundo episódio intitulado *A Vila Rica*. O segundo excerto está no sexto episódio intitulado *Era Vargas – O crepúsculo de um ídolo*, no qual o economista Rodrigo Constantino afirma que o fascismo é de esquerda. Colocamos como referência das citações o Brasil Paralelo, mesmo quando o depoimento é realizado por pessoas identificadas, como Rodrigo Constantino. Essa definição teve como ponto de apoio o entendimento de que existe um processo de edição nas sequências de falas de diferentes participantes e que tais manifestações podem ter sido enquadradas fora do contexto original. Outro aspecto a ser observado é o fato de que a edição permite a sequência lógica da narrativa desejada pelo grupo, e os sentidos das falas são influenciados, assim, por esse processo.

Por décadas destruíram nosso patriotismo. Através das escolas e da mídia, nos fizeram acreditar que somos um povo fadado ao fracasso, que não temos virtude. Ideologias perversas contaminaram o imaginário popular, causando danos incalculáveis em jovens, que hoje estão perdidos e sem norte.

A nossa resposta está sendo imediata. Estamos distribuindo um antídoto em cada canto do país, para todos os brasileiros. Nossos documentários são produzidos para despertar a consciência e o patriotismo de qualquer pessoa (Brasil Paralelo, 2017b).

A narrativa continua apresentando o Brasil Paralelo, seu compromisso com a liberdade e consciência do povo brasileiro, e fazendo o convite para as pessoas se associarem e participarem do grupo comprando seus produtos e financiando novas produções. Para este trabalho iremos apenas focar nesta parte do discurso, no qual se inicia a criação dos inimigos a serem combatidos.

O primeiro aspecto a se destacar são os agentes que destroem o patriotismo, neste caso, as escolas e a mídia. Nota-se que escola e mídia são utilizadas de forma genérica, remetendo a todo o sistema educacional e seus profissionais, no caso das escolas, assim como a todos os veículos de comunicação e aos profissionais que atuam na imprensa. Além de destruírem o patriotismo e serem responsáveis pelas pessoas acreditarem que somos um povo fadado ao fracasso e sem virtude, seriam esses atores os responsáveis por propagar ideologias perversas que destroem os jovens brasileiros, ou seja, o futuro do país.

Por intermédio do interdiscurso apresentado em outras produções do grupo, sabemos que as ideologias perversas a que se referem são aquelas vinculadas a qualquer pensamento ou posicionamento associado à esquerda, como o marxismo, o comunismo ou o socialismo. Políticas e direitos sociais também se enquadram neste contexto. A ideologia, neste caso, é qualificada negativamente como perversa, podendo apresentar o sentido de maligna, imoral, pervertida, entre outros adjetivos que reforçam a ideia de que a esquerda atua de maneira a prejudicar o brasileiro e o país.

A qualificação do jovem brasileiro como sujeito perdido e sem norte tira o caráter humano desses sujeitos, que, nesta perspectiva, seriam incapazes de pensar e raciocinar, seriam agentes passivos e acrílicos. Ao tomar o jovem como incapaz e vulnerável, reforça-se o caráter de urgência para uma ação combativa, o que pode suscitar o sentimento de raiva e ódio contra os responsáveis pela situação, neste caso, as escolas e a mídia.

O Brasil Paralelo e seus ideais são apresentados como os benfeitores que estariam agindo para proteger o país, a pátria e o povo brasileiro. A ação, para cumprir tal objetivo, seria a produção e distribuição dos documentários que agem como antídoto e servem para despertar a consciência e o patriotismo de qualquer pessoa. Esta narrativa reforça o maniqueísmo e o embate entre as forças do bem e do mal.

Outro aspecto a se destacar, e que reforça o caráter conspiratório da visão de mundo proposta na narrativa, é a qualificação dos documentários como antídotos. A ideia de antídoto remete ao combate a uma toxina, um veneno que pode ter como origem um animal peçonhento, e neste caso implicaria a desumanização dos profissionais da educação e dos meios de comunicação, assim como qualquer pessoa que esteja alinhada ou associada à esquerda. Porém

o veneno ou a toxina são também utilizados por assassinos ou por agentes terroristas que cometem um mal de forma furtiva e covarde. O consumidor deste conteúdo pode entender que as pessoas envolvidas com a educação, comunicação ou associadas à esquerda estão agindo de forma conspiratória e covarde, reforçando o ressentimento, a repulsa e o ódio a estes atores sociais.

Ao qualificar os documentários como capazes de despertar as consciências, afirma-se que os brasileiros são inconscientes ou que aqueles que não concordam com o grupo estão adormecidos para a realidade. Insistindo ainda mais nessa perspectiva, observa-se a defesa da ideia de que aqueles que não aderirem à perspectiva do grupo continuarão neste estado de inconsciência. Portanto, na lógica do grupo, escolas, mídia e a esquerda atuam para destruir a sociedade brasileira, enquanto o Brasil Paralelo e os grupos a ele alinhados seriam os únicos portadores da verdade, o que denota uma mentalidade intransigente e autoritária.

Se todo o mal da sociedade está atrelado ao que denominam como esquerda, tudo que é ruim ou maligno deve ser deslocado para este posicionamento. Partindo desta premissa, torna-se mais fácil entender a retórica do nazismo e do fascismo como sendo movimentos de esquerda.

O excerto que colocaremos em destaque, como mencionado, está no capítulo seis, que aborda majoritariamente o governo Vargas. Existe um esforço nítido em aproximar os movimentos autoritários e populistas do início do século XX. O governo Vargas, o fascismo, o nazismo e o comunismo são tratados como se fossem muito próximos em ideias, posturas e propostas. Mesmo que qualquer sistema autoritário possua semelhanças, o governo Vargas não era fascista ou nazista e muito menos comunista, assim como o fascismo e o nazismo são completamente distintos do comunismo.

Em meio a esta tentativa de associar estes movimentos, surge a fala de Rodrigo Constantino:

Quem defende a CLT aqui no Brasil? Quem defende o legado de Vargas como positivo? Quem defende os sindicatos fortes? Quem defende o Estado onipresente e intervencionista? Lembrando o slogan de Mussolini “Nada fora do Estado, tudo pelo Estado, tudo para o Estado”? É a esquerda. Daí a gente conclui que o fascismo é de esquerda. Mas isso pode dar nó na cabeça de muita gente, que aprendeu a repetir que fascismo é só de direita (Brasil Paralelo, 2018).

Além da associação demasiadamente simplista para chegar à conclusão de que o fascismo é de esquerda, existem falsas premissas neste raciocínio, o que torna toda a argumentação uma forma de sofismo.

O primeiro questionamento, referente à CLT, daria um artigo ou um livro inteiros somente para rebater a afirmação defendida de que se trata de uma legislação pautada exclusivamente pelo pensamento de esquerda, ou a ideia de que tal legislação é uma cópia da *Carta del Lavoro* de Mussolini, ou que em países desenvolvidos não existam leis trabalhistas. Para pegarmos apenas um exemplo que contradiz a afirmação de que a CLT é uma proposta da esquerda, podemos lembrar a Lei 5889, de 8 de julho de 1973, regulamentada pelo Decreto nº 73.626/74, que estendia direitos trabalhistas aos trabalhadores rurais em pleno governo Médici. Nesta lógica, a ditadura civil-militar teria sido de esquerda?

Quanto ao legado de Vargas qualificado como positivo, podem até existir pessoas alinhadas à esquerda que defendam esta perspectiva, mas tal postura está longe de ser uma unanimidade. A historiografia contemporânea (Cancelli, 1994; Fausto, 1997; Passardi, 2002), inclusive as contribuições desenvolvidas por historiadores alinhados à esquerda, é extremamente crítica ao período Vargas, principalmente pelas perseguições políticas, pelo aparato repressivo, pelo autoritarismo e pela postura antidemocrática.

Sindicatos fortes é outra falácia. No fascismo italiano os sindicatos existentes controlados pelos trabalhadores foram substituídos pelos sindicatos controlados pelo Partido Fascista. Existe a conveniente abstração sobre o corporativismo. Na crença fascista, a luta de classes não deveria existir, proletariado e burguesia deveriam trabalhar para o interesse nacional e o bem comum (Heywood, 2010), de forma harmônica e com o Estado como interventor. Dessa forma, os sindicatos são substituídos pelas corporações que englobam tanto os trabalhadores como os empregadores. Os sindicatos se enfraquecem, pois perdem sua autonomia.

Estado intervencionista e onipresente também não pode ser caracterizado como exclusividade da esquerda. Podemos citar a intervenção no preço do diesel realizada pelo presidente Jair Bolsonaro e as guerras tarifárias do presidente Donald Trump, principalmente com a China, indo contra a política de livre comércio, tão cara aos liberais. Se o sentido de onipresente é o de influenciar o cotidiano dos indivíduos, deve-se salientar que esta não é uma postura exclusiva do Estado. Controle das normas sociais e repressão partem também da sociedade civil, como no caso do fechamento do Queermuseu em 2017 em Porto Alegre, ou das recorrentes perseguições e ameaças às pessoas por conta de suas opções religiosas ou orientações sexuais observadas no Brasil.

Referente à fala de Mussolini, ela mesma demonstra que Estado forte também é pauta de determinados espectros da direita, e não somente de espectros da esquerda. Porém, para não incorrer em redundância, pegando outro regime autoritário em que se pode enquadrar a fala de

Mussolini, podem-se mencionar os Estados absolutistas. A centralização do poder e o uso do aparato do Estado não são exclusividade de esquerda ou direita. O liberalismo surge justamente para combater a centralização do Estado na figura do rei absoluto, porém não podemos dizer que este regime era de esquerda ou de direita sem incorrer em anacronismo.

Com base na historiografia e nas ponderações necessárias para evitar anacronismos, entendemos que a construção lógica apresentada na fala de Constantino é falsa com a intencionalidade de enganar o consumidor, fazendo crer que o fascismo é de esquerda e, conseqüentemente, deslocando toda sua carga negativa da extrema-direita para a esquerda.

Nos dois excertos podemos identificar a *fragmentação* como modo de operação da ideologia por meio do *expurgo do outro*. “Essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo” (Thompson, 2011, p. 87).

O modo de operação da ideologia também se manifesta com a *dissimulação* por meio do *deslocamento*. Esta estratégia ocorre quando uma pessoa ou objeto é utilizado para se referir a outrem, levando consigo todos os atributos positivos ou negativos, neste caso, o fascismo como sendo um movimento de esquerda.

Pode-se incluir como modo de operação da ideologia, presente no primeiro excerto, a *legitimação* por meio da *racionalização*. Ao tentar criar uma linha de raciocínio com uma realidade na qual as escolas e a mídia, por intermédio das ideologias perversas, tornam os jovens perdidos e sem norte, nota-se a tentativa de persuadir os consumidores de que a luta do Brasil Paralelo é digna de apoio.

Estes são apenas alguns exemplos para enfatizar que a série *Brasil – A Última Cruzada* possui potencial ideológico, segundo Thompson (2011).

Observação importante identificada na pesquisa e fundamental para o consumo e aceitação do *ticket conservador-liberal* está na narrativa que procura explorar as lacunas de conhecimento que o espectador possui. O *ticket*, para ser aceito, atua sobre a ignorância de quem o consome.

O discurso com a conclusão do fascismo ser de esquerda é um exemplo. Qualquer pessoa com conhecimento sobre o tema sabe das falsas analogias. Porém a pessoa que escutou em algum lugar a associação da *Carta del Lavoro* com a CLT pode concluir que toda a argumentação é verdadeira. Mal sabe que a própria associação é uma narrativa construída para deslegitimar a Consolidação das Leis Trabalhistas. O artigo *O mito das consolidações trabalhistas como reprodução da Carta del Lavoro* de Priscila Campana (2008) aborda bem este assunto.

Para ser pontual, colocamos outro exemplo. Este está no primeiro capítulo da série intitulado *A Cruz e a Espada*, em meio à narrativa de como os muçulmanos invadiram a Península Ibérica.

As teorias que os historiadores ah... levantam quanto à facilidade da invasão: foi porque em primeiro lugar o reino visigótico não deixava que as populações de origem romana tivessem acesso a armas ou exército. Então nós já vemos aí um processo de desarmamento, que facilitou inclusive a queda do seu próprio Estado (Brasil Paralelo, 2017a).

O discurso apresenta, mesmo que de forma discreta, a crença de que uma população armada representa segurança e estabilidade do Estado. De forma sutil, vende-se o *ticket conservador-liberal* de que a extinção ou a flexibilização do Estatuto do Desarmamento é algo positivo. Esta fala inclusive é realizada por um agente de segurança pública, o delegado de polícia Rafael Vitola Brodbeck. A exploração da ignorância do espectador fica evidente ao abordar-se o reino visigodo, tema pouco estudado e quase desconhecido por grande parte da população brasileira. Para dar credibilidade ao discurso evocam-se os historiadores de forma genérica, sem especificar quais seriam esses estudiosos e sem mencionar a fonte da conclusão a que se chega. Devido à falta de registros e documentação, a própria historiografia do período do reino visigodo é bastante comprometida, baseada em mitos, trabalhos arqueológicos e registros dos próprios mouros que ocuparam a região. Portanto, seria necessário precisar a fonte da informação de que a população de origem romana desarmada teria facilitado a invasão, mas isso não é apresentado.

O uso da ignorância ou conhecimento parcial da história para tentar legitimar posições políticas e interesses não é novidade e exclusividade do Brasil Paralelo. Eric Hobsbawm (2018) usa o termo “leigo instruído” e dá o exemplo da Revolução Francesa, na qual a narrativa do Período do Terror prepondera por influência do discurso dos conservadores.

Os conservadores criaram uma imagem duradoura do Terror, da ditadura e da histérica e desenfreada sangüinolência, embora pelos padrões do século XX, e mesmo pelos padrões das repressões conservadoras contra as revoluções sociais, tais como os massacres que se seguiram à Comuna de Paris de 1871, suas matanças em massa fossem relativamente modestas: 17 mil execuções oficiais em 14 meses (Hobsbawm, 2018, p. 119).

Outro autor que em certa medida aborda o impacto da ignorância para o consumo de determinadas mensagens é Teun A. van Dijk (2008), porém referindo-se ao discurso

racista. Em sua perspectiva, as pessoas pouco sabem sobre o Outro e o pouco que sabem é de forma estereotipada na maioria das vezes. Sua crítica recai não somente no discurso político e midiático, mas também no discurso da educação que muitas vezes pouco se aprofunda no conhecimento do Outro.

O *ticket conservador-liberal* encontrou campo fértil para sua proliferação, em parte, por conta da ignorância que todos nós possuímos sobre determinados temas e, em outra parte, pelo ódio nutrido contra a esquerda de forma generalizada. O resultado e os impactos sociais podem ser notados na polarização política, nas manifestações de intolerância ao diferente e no resultado das eleições de 2018. Em certa medida o *ticket* foi consumido por uma importante parcela da população. A reforma da Previdência foi colocada em pauta no Congresso em 2019, tentativas de flexibilização da posse e porte de armas são outra constante que parecem resultar desse movimento. Professores chegaram a ser suspensos, perderam o emprego ou foram ameaçados por pais de alunos pela suposta doutrinação e proliferação de “ideologias perversas”, assim como a postura do ex-ministro da Educação Weintraub em relação às universidades, quando estava no cargo, denota essa mesma perspectiva. Não é difícil imaginar que os olhos se voltarão em breve para as leis trabalhistas, para o direito às cotas raciais, entre outras medidas que, se forem anuladas ou inviabilizadas, podem aumentar as relações de dominação de classe, econômica, política, cultural e étnica.

4. Considerações finais

Aparentemente, do bloco de ideias que constituem o *ticket conservador-liberal*, o que impulsionou a ascensão dos *conservadores-liberais* foi o ódio à esquerda. Passadas as eleições de 2018, são constantes os embates e divergências entre os integrantes do governo Bolsonaro e supostos aliados. O desgaste do governo federal se dá também por constantes escândalos de corrupção, demonstrando ser ele tão corrupto quanto os anteriores. O discurso de paladinos da justiça se demonstra, cada vez mais, apenas uma retórica oportunista.

O *ticket conservador-liberal*, como demonstrado, possui potencial ideológico, porém para que se concretize como tal deve efetivamente interferir e se fazer presente em leis, políticas ou ações que estabeleçam ou sustentem relações de dominação. As disputas simbólicas, políticas e sociais estavam acirradas em 2019, mas em aberto. Os processos democráticos ainda existem, porém cabe atenção para que não sucumbam ao autoritarismo e para que a desigualdade moral (Rousseau, 2017) não se expanda, ampliando as assimetrias de poder sistemáticas e, conseqüentemente, estabelecendo e ampliando as relações de dominação.

Referências

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. 1985. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro, Zahar.
- ATLAS network. Diretório Global: Brasil. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory/latin-america-and-caribbean/brazil>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- BRASIL. 1974. Decreto nº 73.626/74, de 12 de fevereiro de 1974. Aprova Regulamento da Lei nº 5.889, de 8 de junho de 1973. Lex: Coleção de Leis do Brasil, Brasília, vol. 2, p. 195, 1974. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-73626-12-fevereiro-1974-422164-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 14 abr. 2019.
- BRASIL – A Última Cruzada: A cruz e a espada. Brasil Paralelo, 2017a. YouTube (51 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY&list=PL3yv1E7liXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- BRASIL – A Última Cruzada: A Vila Rica. Brasil Paralelo, 2017b. YouTube (69 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg&list=PL3yv1E7liXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF&index=2>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- BRASIL – A Última Cruzada: Era Vargas – o crepúsculo de ídolo. Brasil Paralelo, 2018. YouTube (85 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FRzjxqqZgr4&list=PL3yv1E7liXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF&index=6>. Acesso em: 19 dez. 2018.
- CAMPANA, Priscila. 2008. O mito das consolidações trabalhistas como reprodução da Carta del Lavoro. *Revista Jurídica – CC//FURB*, Blumenau, 12(23):44-62, jan./jun. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/juridica/article/view/835/657>. Acesso em: 21 abr. 2019.
- CANCELLI, Elizabeth. 1994. *O mundo da violência: a polícia da Era Vargas*. Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- CARVALHO, José Murilo de. 2012. A vida política. In: José Murilo de CARVALHO (org.), *A Construção Nacional 1830 – 1889*. vol. 2. Rio de Janeiro, Editora Objetiva.
- CHARAUDEAU, Patrick. 2016. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2ª ed., São Paulo, Contexto.
- CRUZ, Sebastião Velasco e. 2015. Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual. In: Sebastião Velasco e CRUZ; André KAYSEL; Gustavo CODAS (org.), *Direita Volver – o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo, Perseu Abramo, p. 13-47.
- FAUSTO, Boris. 1997. *A Revolução de 1930 – História e historiografia*. 16ª ed., São Paulo, Companhia das Letras.
- HEYWOOD, Andrew. 2010. *Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo*. São Paulo, Ática.
- HOBBSAWM, Eric J. 2018. *A era das revoluções: 1789-1848*. 40ª ed., Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra.
- MORAES, Reginaldo C. 2015. A organização das células neoconservadoras de agitprop: o fator subjetivo da contrarrevolução. In: Sebastião Velasco e CRUZ; André KAYSEL; Gustavo CODAS (org.), *Direita Volver – o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo, Perseu Abramo, p. 231-246.
- PASSARDI, Marcus Vinícius. 2002. *Da Revolução Burguesa à modernização conservadora: a historiografia frente à revolução de 1930*. Campinas, SP. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 224 p.
- ROCHA, Camila. 2015. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In: Sebastião Velasco e CRUZ; André KAYSEL; Gustavo CODAS (org.), *Direita Volver – o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo, Perseu Abramo, p. 261-278.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 2017. *A origem da desigualdade entre os homens*. São Paulo, Penguin Classics / Companhia das Letras.
- THOMPSON, John B. 2011. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9ª ed., Petrópolis, RJ, Vozes.
- VALERIM, Filipe. 2018. Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. *Boletim da Liberdade*, 19 jul. 2018. Entrevista. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em: 02 dez. 2018.
- VAN DIJK, Teun A. et al. 2008. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo, Contexto.

Artigo submetido em 16-10-2019

Aceito em 03-07-2020